

QUANDO A LITERATURA INVADE A VIDA SOCIAL: POLÊMICAS E HOMENAGENS A ÉMILE ZOLA NO BRASIL DURANTE O CASO DREYFUS

Eduarda Araújo da Silva MARTINS*

■ **RESUMO:** Émile Zola se destacou nacional e internacionalmente por meio da sua obra naturalista e dos combates travados na imprensa e no campo literário francês. Sua trajetória contribuiu para que, no final de 1897, interviesse politicamente como um intelectual (BOURDIEU, 1996) no Caso Dreyfus. Sua atuação repercutiu na sociedade brasileira de diferentes maneiras. Homenagens e manifestações de apoio foram realizadas em diferentes estados, por meio de reuniões, atos e até mesmo pela escrita de poemas. As ações dos brasileiros revelam que o apoio à intervenção do escritor estava pautado no reconhecimento dos valores de sua obra. Por isso, não raro, essas manifestações foram acompanhadas de polêmicas na imprensa (VAILLANT *in* KALIFA *et al*, 2011), geradas por grupos antinaturalistas. Este artigo pretende analisar as homenagens realizadas por brasileiros a Émile Zola, lançando luz sobre o reconhecimento dos valores de verdade e de justiça.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Émile Zola. Naturalismo. Caso Dreyfus. Imprensa brasileira.

Introdução

Chef de file do naturalismo no século XIX, Émile Zola é reconhecido, hoje, como um dos nomes mais importantes da literatura francesa. Foi preciso, no entanto, um longo e estratégico combate no campo literário para que sua concepção literária fosse estabelecida. Ao longo de sua carreira, Zola publicou na imprensa muitos textos e artigos que teorizaram sua estética e promoveram o debate de ideias em torno dos fundamentos do naturalismo.¹ Ele conhecia bem o espaço relacional

* Bolsista CAPES. Doutoranda em Letras Neolatinas. UFRJ – Universidade do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras – Departamento de Letras Neolatinas. Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 0000-0002-8589-9574 – eduarda.araujosm@gmail.com

¹ A maior parte desses textos foi reunida nos volumes *Mes Haines* (1866), *Mon Salon* (1866), *Le Roman expérimental* (1880), *Nos Auteurs dramatiques* (1881), *Le Naturalisme au théâtre* (1881), *Les Romanciers naturalistes* (1881), *Documents littéraires* (1881), *Une Campagne* (1882), *Nouvelle Campagne* (1897), *La Vérité en marche* (1901).

do campo literário francês e forjou uma estética pela oposição ao idealismo. O naturalismo buscava o que o idealismo não assumiu: a representação mais próxima possível do real. Preocupado com os problemas sociais, Zola representou em sua obra diferentes parcelas da sociedade: em *L'Assommoir* (1877), *Germinal* (1885), *La Bête Humaine* (1890), por exemplo, retratou a vida de trabalhadores; em *La Terre* (1887) apresentou o universo de pequenos proprietários rurais; em *Pot-Bouille* (1882) pintou a média burguesia; em *La Curée* (1872) e *L'Argent* (1891) retratou o mundo financeiro; em *L'Œuvre* (1886), o universo dos artistas; em *Son Excellence Eugène Rougon* (1871), a esfera política.

Os temas variados conduziram o leitor da época a conhecerem uma nova literatura, que expunha de maneira crua o problema do celibato (*La Faute de l'abbé Mouret*, 1875), a miséria e o alcoolismo (*L'Assommoir*; *Germinal*), a prostituição (*Nana*, 1879), os impulsos criminais (*La Bête humaine*, 1890), etc. Ao mostrar as diferentes fatias da sociedade, porém sem a atenuação da qual os idealistas se serviam, o escritor naturalista prezava a justiça, apresentando-se, ao contrário dos julgamentos de uma crítica conservadora, como um escritor moralista (ZOLA, 1881). Assim, Zola definia os valores de sua estética: a verdade e a justiça. Enquanto publicava sua obra, usou a imprensa para expor sua concepção de literatura, envolvendo-se em debates e polêmicas com diferentes grupos. Segundo Alain Vaillant (VAILLANT in KALIFA *et al*, 2011, p. 969), a polêmica pertence à esfera do comentário e costuma ser amplificada pela imprensa: “Au-delà de sa mission d’information, la presse n’a d’autre rôle que de commenter l’événement, et de grossir le plus possible ce commentaire au moyen de polémiques”¹. Portanto, a imprensa produz um efeito de publicidade pela polêmica. Zola tinha consciência dessa capacidade e utilizou-a para impor sua estética na sociedade, como podemos ler em uma carta enviada por ele em 1877 a Edmond de Goncourt:

Oui, c’est vrai que je me moque comme vous de ce mot *naturalisme* ; et cependant, je le répéterai sans cesse, parce qu’il faut un baptême aux choses, pour que le public les croie neuves... [...] J’ai d’abord posé un clou et d’un coup de marteau, je l’ai fait entrer de deux centimètres. Eh bien, mon marteau, c’est le journalisme que je fais autour de mes œuvres² (ZOLA, 1877 apud REVERZY, 2003, p. 23).

¹ Para além de sua missão de informar, a imprensa não tem outro papel senão comentar o evento, e ampliar ao máximo esse comentário por meio de polêmicas. (As traduções neste artigo foram feitas por nós)

² Sim, é verdade que desprezo como você esta palavra *naturalismo*; e, no entanto, vou repeti-la sem cessar, porque é preciso batizar as coisas, para que o público as veja como novas... [...] Primeiramente, coloquei um prego e, com uma martelada, o fiz entrar dois centímetros. Ora, meu martelo é o jornalismo que faço em torno das minhas obras.

Zola e seus discípulos lutaram desenvolvendo estratégias para se estabelecerem no campo literário francês oitocentista, colocando o naturalismo no centro do debate literário. Ao analisar as tomadas de posição de agentes do grupo naturalista, após a publicação de *L'Assommoir* e de *Nana*, Alain Pagès (PAGÈS, 2016, p. 16) evidencia o modo pelo qual o naturalismo se impôs paulatinamente como uma estética triunfante. Assim, ao longo de toda a sua carreira, Zola vai usar a imprensa como lugar privilegiado para expor suas ideias e defender o naturalismo como uma estética do real, sendo acompanhado pelo público. Não à toa, ele recebe, ao longo de sua carreira, inúmeras cartas de admiradores, manifestando apoio à sua estética. Esse apoio é expresso, sobretudo, no final do século, quando Zola se envolve no Caso Dreyfus. A campanha que efetua na imprensa em busca da verdade e da justiça – agora não no âmbito literário, mas no político – para o capitão do exército francês, Alfred Dreyfus,³ condenado injustamente por traição, é um prolongamento das lutas empreendidas em sua obra literária (AYNIÉ in GUERMÈS, 2018, p. 210). Isso porque seus textos de combate pela revisão do julgamento de Dreyfus revelam os princípios geradores de sua obra.

Zola tinha consciência de ser, à época do Caso Dreyfus, o maior escritor de língua francesa, e o único capaz de conseguir resultados ao agir em defesa do capitão. Foi assim que, segundo Pierre Bourdieu (1996, p. 150), o escritor naturalista agiu como um *intelectual* de seu tempo, isto é, efetuando uma intervenção no campo político, em defesa de um inocente, por meio das normas do campo literário e do acúmulo de capital simbólico adquirido com sua literatura. Quando decide se engajar no Caso Dreyfus, Zola gozava de grande prestígio social. Basta lembrar que, em 1897, o ciclo romanesco das *Trois villes (Rome, Paris, Lourdes)* estava em processo de conclusão, tendo sido finalizado no ano seguinte, e que fazia cinco anos que o último volume (*Le Docteur Pascal*) da série que o consagrou como escritor naturalista, *Les Rougon-Macquart*, havia sido publicado.

A notoriedade do escritor naturalista não se limitava às fronteiras nacionais. O Brasil, completamente inserido na rede midiática internacional (ABREU in ABREU, 2011, p. 93-103), lia a obra de Émile Zola e seguia sua trajetória literária; do mesmo modo, acompanhou a repercussão do Caso Dreyfus por meio da imprensa diária, que, diferentemente do que ocorria na França, posicionava-se esmagadoramente a favor do escritor (CATHARINA; MARTINS, 2019, p. 123-134). Não demorou muito para que os apoiadores brasileiros se manifestassem através de homenagens ao autor dos *Rougon-Macquart* e à causa que defendia. Essas manifestações de apoio, contudo, não aparecem sem algum debate. Assim, o envolvimento político de Zola no Caso Dreyfus reproduz, em homologia, a dinâmica dos campos literário e jornalístico à qual o escritor estava habituado: a do debate e da polêmica. O peso da posição de

³ Para mais informações sobre o Caso Dreyfus, consultar: PAGÈS, Alain. *O Caso Dreyfus: verdades e lendas*. Tradução de Pedro Paulo G. F. Catharina. Campinas: Editora Unicamp, 2021 [2019].

Zola como escritor já reconhecido nacional e internacionalmente foi fator crucial para que esse embate acontecesse também no Brasil, causando certa controvérsia na nossa imprensa.

Se a polêmica pertence à esfera do comentário, notamos que os observadores discutem o evento e disputam a cena teatralizada pela imprensa (VAILLANT, 2011, p. 969). Nesse artigo, trataremos em primeiro lugar das manifestações e polêmicas em torno do apoio de brasileiros a Émile Zola durante o Caso Dreyfus, destacando como essas manifestações resgatam os valores inscritos na obra do escritor. Em seguida, apresentaremos as manifestações literárias saídas na imprensa na forma de poemas. Analisaremos, assim, como essas expressões implicam as tomadas de posição da sociedade brasileira em relação ao Caso Dreyfus e retomam os valores da obra naturalista.

De manifestações a polêmicas

O artigo de maior relevância escrito por Zola para o Caso Dreyfus intitulou-se *J'Accuse...!* e foi publicado no dia 13 de fevereiro de 1898 no jornal republicano *L'Aurore*. Esse artigo em forma de carta aberta, no qual Zola denunciava os responsáveis pelo erro judiciário, rendeu ao escritor naturalista um processo por difamação no qual foi condenado a um ano de prisão e a uma multa de 3.000 mil francos. No entanto, foi graças a ele que a opinião pública passou a se reposicionar, paulatinamente, a favor da revisão do processo.

Apenas oito dias depois da publicação de *J'Accuse...!*, o jornal carioca *O Paiz* informou em suas páginas que Zola estava recebendo “telegramas de felicitações do Rio de Janeiro” (*O Paiz*, Rio de Janeiro, 21/01/1898, p. 1). Pelo exame dos periódicos do século XIX, notamos que manifestações de apoio a Zola ocorreram não apenas na capital do país, mas também em diferentes Estados e regiões. O mês de março de 1898, que sucede à primeira condenação de Zola pelo Supremo Tribunal de Justiça,⁴ é marcado por alguns movimentos, sobretudo por parte da mocidade brasileira, em defesa do escritor. Na edição de 10 de março de 1898, por exemplo, o *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, informou a seus leitores em sua seção de “Telegramas”, com o subtítulo “Manifesto-Manifestação a Zola” que, em São Paulo, no dia 8 daquele mês, a imprensa da tarde publicara um “manifesto da comissão que convida o povo à reunião de domingo próximo, a fim de deliberar o modo de se manifestar a simpatia dos paulistas ao escritor Emilio Zola, pela sua posição assumida no processo Dreyfus” (*Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro,

⁴ Zola passou por dois processos de difamação tentados pelos peritos em caligrafia denunciados por ele em *J'Accuse...!*. O primeiro aconteceu em Paris, entre 7 e 23 de fevereiro de 1898. Esse processo conseguiu ser anulado pela Câmara Criminal da Corte de Cassação no dia 2 de abril de 1898. Um segundo julgamento foi aberto, dessa vez, em Versalhes, e aconteceu entre 23 de maio e 18 de julho de 1898. Zola foi novamente condenado à pena máxima de um ano de prisão e multa de 3.000 francos.

10/03/1898, p. 1). Essa comissão passa a ser chamada nas edições seguintes de Comitê Zoliano. O manifesto que, aparentemente, convocou a primeira mobilização pública de apoio aos atos do escritor não passou sem polêmica. Dois dias depois, o mesmo jornal publicou novamente em sua seção de “Telegramas” um texto informando que o Groupe Français, formado por franceses residentes em São Paulo, redigira um manifesto como resposta àquele escrito pelos membros do Comitê Zoliano. Este, por sua vez, juntamente com o Centro Socialista, desafiou o autor do manifesto assinado pelo Groupe Français a sair do anonimato:

O manifesto convidando o povo para a manifestação a favor de Emilio Zola provocou a publicação de um outro manifesto assinado pelo *Groupe Français*, insultante ao brio dos estudantes brasileiros; estes e a comissão popular do Centro Socialista responderam desafiando aos protestantes a sair do anonimato. Também a *Tribuna Italiana* revela os insultos, publicados no mesmo protesto contra os italianos, mas desafia o autor chamando-o de *coelho velhaco*.

A questão interessou muito a opinião pública. (*Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, 12/03/1898, p. 1, grifos do autor)

Segundo Alberto Dines (DINES *in* DREYFUS, 1995, p. 58), o Groupe Français teria sido “acionado por um importante figurão da colônia francesa”. O autor do manifesto contra o ato convocatório do Comitê Zoliano parece ter sido identificado sem dificuldades pelos aderentes à causa Zola-Dreyfus, embora o Comitê e o Centro Socialista não tenham revelado sua identidade. Não à toa, a *Tribuna Italiana* teria chamado o responsável pelo manifesto do Groupe Français de “coelho velhaco”. É bastante provável que o jornal italiano tenha manifestado abertamente apoio ao escritor e, por isso, também tenha sido alvo de ataques no manifesto do Groupe Français. O apoio mais contundente do *Tribuna Italiana* poderá ser verificado no ano seguinte, quando outros periódicos brasileiros apontam sua participação em nova manifestação a favor de Zola, que analisaremos adiante. A polêmica entre o Groupe Français e o Comitê Zoliano ecoou na imprensa do país. No jornal *A República*, do Paraná, lemos a seguinte notícia, que possui o título “Questão Dreyfus”:

Em São Paulo, a mocidade acadêmica promove uma manifestação ao genial romancista francês Emilio Zola.

Isto tem dado lugar a que a parte ineditorial da imprensa local tenha nestes últimos dias sido recheada de artigos, mais ou menos violentos, de nacionais e franceses ali residentes.

O caso Dreyfus está emocionando todo mundo (*A República*, Florianópolis, 19/03/1898, p. 1).

Como planejado, a reunião marcada pelo Comitê Zoliano para discutir como a população de São Paulo poderia manifestar sua simpatia a Zola aconteceu na tarde do domingo, 13 de março de 1898, no Grêmio Seis de Janeiro. Trezentas pessoas compareceram ao encontro. Segundo o *Jornal do Brasil* de 14 de março, ficou acordado na reunião “ter no domingo próximo um *meeting* no [Teatro] Polytheama”. A comissão também decidiu reunir “o maior número possível de cidadãos” para assinar um álbum que deveria ser enviado a Émile Zola. Além disso, concordaram em “passar um telegrama de felicitações” ao escritor (*Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, 13/03/1898, p. 1). Ao que parece, ao menos duas sessões aconteceram no Teatro Polytheama, uma no dia 20 e outra no dia 27 de março de 1898, como noticiou a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, respectivamente, em 14 e 22 de março. Dois meses depois, a *Gazeta de Petrópolis* publicou a seguinte notícia:

Um comitê numeroso de sábios, escritores, artistas e homens políticos constituiu-se a fim de mandar cunhar uma medalha em honra de Emilio Zola.

Essa medalha terá no verso a efigie do ilustre escritor com estas palavras:

“A verdade está em marcha, nada poderá interrompê-la. – Emilio Zola”

No verso será gravada a inscrição seguinte: “Homenagem a Emilio Zola – 1898” (*Gazeta de Petrópolis*, Petrópolis, 3/05/1898, p. 3)

Quase que concomitantemente à iniciativa dos jovens acadêmicos de São Paulo, surgia, na Bahia, um grupo, aparentemente mais coeso, para defender os atos do escritor. Em 13 de março de 1898, a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro reabriu em sua segunda página a seção “Telegramas” a fim de inserir uma informação recebida de última hora sobre a movimentação da mocidade intelectual da Bahia para a criação do Club Zola. É importante ressaltar que, nessa mesma edição, a rubrica “Telegramas” já havia aparecido em seu espaço de costume: a primeira página do jornal. A *Gazeta* poderia simplesmente publicar a notícia vinda da Bahia na edição do dia seguinte, já que, provavelmente, a diagramação de sua primeira página já estava pronta, impedindo sua inserção. No entanto, o jornal parece ter achado a informação sobre a criação de um Club que homenageava o escritor naturalista francês Émile Zola tão relevante que decidiu reabrir a seção na página seguinte, justificando-se perante o leitor por meio da indicação “à última hora”, que apareceu abaixo do título da rubrica. Esse procedimento nos dá indício da preocupação do editor em informar ao leitor sobre a atualidade, marca do jornal brasileiro do século XIX. Longe de ser apenas uma notificação sobre a criação do Club, o telegrama da *Gazeta de Notícias* informa ao público carioca acerca de seu principal objetivo, o nome de seus idealizadores, as classes que aderem à causa de Zola, o local, a data e a hora da última reunião:

Foi inaugurado o Club Emilio Zola a esforços de diversos médicos, farmacêuticos e estudantes de medicina para manifestar adesão da mocidade brasileira a Zola, pelo seu procedimento altruístico na questão Dreyfus, e angariar donativos para pagamento da multa imposta a Zola pelo Tribunal.

Amanhã o Club realiza uma sessão pública às 2 horas da tarde na Faculdade de Medicina, sob a seguinte direção: presidente, Dr. Juliano Moreira; vice, Dr. Gonçalves Figueiredo; secretários, Dr. Elias da Rocha Barros e acadêmico Mário Leal; oradores, Drs. Uchoa Cavalcante e Francisco Cardoso; tesoureiro, Dr. Pedro Guimarães; procuradores Dr. Raul Costa e acadêmico Raimundo Faria (*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 13/03/1898, p. 2).

O telegrama do dia 12 de março revela os primeiros passos da juventude intelectual baiana na organização do Club Zola em Salvador. Certamente, a sessão que ocorreu na Faculdade de Medicina definiu as diretrizes para a instituição oficial do Club, já que, nos dias seguintes, os principais órgãos da imprensa brasileira receberiam um convite para a cerimônia que iria instalar oficialmente o Club Zola. O jornal *Cidade do Salvador*, maior periódico católico da Bahia, informa em 14 de março de 1898: “Firmada por membros de nossa classe médica, recebemos hoje uma comunicação de que trata-se de fundar, brevemente, em nossa capital, um club sob o título acima [Club Emilio Zola][...]” (*Cidade do Salvador*, Salvador, 14/03/1898, p. 2). A cerimônia de abertura do Club aconteceu em 17 de março, às 20h, no salão do Grêmio Literário de Salvador, local onde jovens intelectuais da sociedade baiana costumavam se reunir, localizado em uma das ruas mais emblemáticas da cidade, a rua Chile. A imprensa carioca também se fez presente no evento, como informou a *Gazeta de Notícias*, em telegrama referente ao dia 18 de março: “A imprensa esteve representada, inclusive a *Gazeta de Notícias*, *O Paiz* e o *Jornal do Commercio*” (*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 19/03/1898, p. 1). A cerimônia foi presidida pelo jovem médico baiano Juliano Moreira, homem preto que se tornará, nas décadas seguintes, um dos maiores nomes da psiquiatria do Brasil, sendo o patrono da cadeira 57 da Academia Brasileira de Medicina e o idealizador da Colônia de Psicopatas, fundada em Jacarepaguá que, após sua morte, em 1935, receberá seu nome como forma de homenagem – Colônia Juliano Moreira. Hoje, ela abriga o famoso Museu Bispo do Rosário.⁵

Enquanto presidente do Club Zola, o médico Juliano Moreira enviará ao escritor Émile Zola um livro de ouro com uma mensagem assinada por seus 226 membros que, segundo Alberto Dines (DINES *in* DREYFUS, 1995, p. 58),

⁵ Para saber mais sobre a história do hospital psiquiátrico, consultar: <https://museubispodorosario.com/colonia-juliano-moreira/>.

representam a “fina flor da elite intelectual”.⁶ Moreira, que à época tinha apenas 25 anos, representa não só o apoio da intelectualidade brasileira, mas também o da juventude. Enquanto na França a juventude das escolas – ou seja, a categoria social constituída por jovens que acabavam de terminar seus estudos ou estudantes das faculdades – investia em manifestações contra Zola, sobretudo após a publicação de *J’Accuse...!* (AYNIÉ, 2007, p. 26), notamos que a juventude intelectual do Brasil parece acolher os valores defendidos pelo escritor, tanto em sua literatura quanto na defesa de Dreyfus. Não à toa, Zola direciona, ao longo de sua carreira, duas cartas abertas à juventude francesa. Na primeira, publicada no periódico *Le Voltaire* em 21 de maio de 1879, Zola exorta os jovens a “réfléchir avant de s’engager dans la voie de l’idéisme ou dans la voie du naturalisme, car la grandeur de la nation, le salut de la patrie dépendent de [leurs] choix”⁷ (*Le Voltaire*, Paris, 21/05/1879, p. 1). Na segunda, durante a campanha de defesa de Dreyfus, ele se dirige à juventude, que ele gostaria de ver como vanguarda da opinião pública (AYNIÉ, 2007, p. 27), incitando-a a reagir diante da injustiça – “Jeunesse, jeunesse! Sois toujours avec la justice. Si l’idée de justice s’obscurcissait en toi, tu iras à tous les périls”⁸ – e a se colocar do lado da Humanidade – “Jeunesse, jeunesse ! sois humaine, sois généreuse”⁹ (ZOLA, 1969, p. 97). A preocupação de Zola com a juventude revela a ruptura entre a geração dos que construíram a República e a de jovens da virada do século, que pareciam abandonar os ideais daquela geração (AYNIÉ, 2007, p. 31). Assim como o Comitê Zoliano em São Paulo, a iniciativa de criação do Club Zola, como relatado pela *Gazeta de Notícias* de 13 de março de 1899, tinha como principal objetivo manifestar apoio ao escritor durante o Caso Dreyfus. No entanto, é pouco provável que os membros do Club tenham enviado, além do livro de ouro, o valor da multa a ser paga por Zola, já que a cobrança só foi realizada em fevereiro de 1899, quando a justiça francesa determinou que ocorresse um leilão dos objetos da casa do escritor. À ocasião, Eugène Fasquelle, seu editor, em nome de seu amigo, Octave Mirbeau e de Joseph Reinach,¹⁰ foi o primeiro a dar um lance, comprando

⁶ Em consulta à família do escritor, sabemos que este livro não se encontra no acervo dos descendentes, sendo seu destino desconhecido.

⁷ [...] refletir antes de se engajar pela via do idealismo ou pela via do naturalismo, pois a grandeza da nação, a salvação da pátria dependem de suas escolhas.

⁸ Juventude, juventude! Esteja sempre ao lado da justiça. Se a ideia de justiça apagassem em você, você correria todos os perigos.

⁹ Juventude, juventude! seja humana, seja generosa.

¹⁰ O jornalista e deputado Joseph Reinach, nome forte do dreyfusismo, doou a quantia necessária para pagar a multa de Zola. No entanto, queria que a transação não fosse atrelada a seu nome. Por isso, combinou com o escritor Octave Mirbeau para que ele fizesse o pagamento. No entanto, o oficial de justiça recusou o pagamento sob o pretexto de que Mirbeau não era representante de Zola. Assim, o leilão foi determinado para o pagamento da dívida do escritor. A pedido de Mirbeau, Eugène Fasquelle fez o lance no leilão, comprando o espelho e a mesa do escritor com a doação de Reinach.

uma mesa e um espelho bisotê no valor 32 mil francos, soma muito superior à multa do escritor, encerrando, assim, o leilão (MITTERAND, 2002, p. 585).

Na mesma semana em que o Club Zola surgia na Bahia e que o Comitê Zoliano convocava os paulistas para suas manifestações, acontecia, também, uma movimentação da mocidade do Rio Grande do Norte. O Grêmio Polimático, uma associação literária que havia sido fundada em 1897 pelos jovens letrados (advogados e políticos) Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão e Antônio José de Melo e Souza, convidou a mocidade do estado “para dirigir manifesto de adesão e aplausos a Emilio Zola pela sua atitude na questão Dreyfus” (*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 15/03/1898, p. 1). Segundo a *Gazeta de Notícias*, o convite foi feito em “um belo artigo nas colunas da *República*”.¹¹ Alguns dias antes, um telegrama publicado no dia 11 de março de 1898 em *O Paiz*, do Rio de Janeiro, informa que a mocidade da Escola Militar de Porto Alegre iria publicar uma polianteia, ou seja, uma antologia das obras de Zola, em sua homenagem.

No ano seguinte, o *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro, anunciou em sua rubrica “Telegramas”, em São Paulo, que um comitê composto por jornalistas e comerciantes convidava a população para uma reunião no dia 5, às 14h, no Largo São Francisco, local onde se situa a Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, para “render homenagem ao escritor Emilio Zola e à magistratura francesa pela revisão do processo Dreyfus” (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5/06/1899, p. 1). A manifestação parece ter sido produtiva, já que, no dia seguinte, o jornal informou, na mesma seção, sob o título “Homenagem a Zola”, que durante o ato “ficou estabelecido convocar-se um grande comício no domingo próximo” (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6/06/1899, p. 1). Assim foi feito. Em 11 de junho de 1899, como no ano anterior, realizou-se no Teatro Polytheama, às 13h30, um comício em homenagem a Zola. No ato – com direito a banda de música – além de muitos advogados, estiveram presentes comissões de representantes da Società Ettore Fieramosca,¹² da Liga Democrática Italiana, Humanitária Cosmopolita e do Centro Socialista. O Dr. Felix Bocaiuva presidiu a reunião, tendo como secretários Ancona Lopez, do jornal *Tribuna Italiana*, e Willy Epstein, jornalista do *Germania*, primeiro e maior periódico de língua alemã publicado em São Paulo.

Segundo o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, após a abertura da sessão por Bocaiuva, seguiu-se uma série de discursos em português, italiano e alemão. É bem significativo o fato de esses dois últimos grupos culturais terem tido seus representantes na reunião. Isso porque o pai de Zola era italiano. Embora o escritor só tenha ido à Itália em 1894, quando já gozava de reconhecimento internacional, com o objetivo de recolher dados para escrever seu romance *Rome*, a visita à pátria do pai

¹¹ Não foi possível recuperar esse artigo.

¹² Sociedade mútua formada por imigrantes italianos provenientes da região de Puglia, Sul da Itália. Essa sociedade surgiu no final da década de 1890.

foi um grande evento, tendo sido acompanhado pela imprensa local e francesa. O escritor foi muito bem acolhido pelo povo italiano e foi recepcionado por ministros e personalidades do país (MITTERAND, 2002, p. 103). A presença da comunidade italiana na reunião em São Paulo evidencia não só o apoio ao escritor pelas ideias que defendia, mas também o reconhecimento de sua ascendência. Por outro lado, embora Dreyfus não fosse alemão, sua família era originária de Mulhouse, cidade pertencente à região do Grande Leste da França, que fica a apenas 15 quilômetros da Alemanha e que já havia sido território germânico. Logo, o representante do *Germania*, Willy Epstein, um dos oradores da reunião paulista, defendeu a tomada de posição de Émile Zola, assumindo, portanto, a inocência de Dreyfus, algo que a própria embaixada alemã não havia feito oficialmente, já que corria o risco de promover uma grande crise diplomática.

Vale lembrar que o fato de Dreyfus ser inocente não eximia a Alemanha de participar de um esquema de espionagem. Sendo assim, a embaixada alemã encontrava-se numa posição delicada. Ela não podia declarar a inocência de Dreyfus e apontar o verdadeiro culpado, sem assumir que comprava informações de um espião francês. O máximo que fez foi emitir uma declaração anônima, como aponta Phillipe Oriol (2014, p. 76), encontrada numa reportagem do dia 16 de novembro no *Figaro*, na qual um “membre très haut placé”¹³ da embaixada da Alemanha teria declarado ao repórter do jornal parisiense que “Si cet officier s’est rendu coupable du crime dont on l’accuse, l’ambassade d’Allemagne n’est pas mêlée à cette affaire, aucun de ses membres n’ayant été en rapport avec lui” (*Le Figaro*, Paris, 16/11/1894, p. 1).¹⁴

O parentesco estrangeiro de Émile Zola e a origem alsaciana de Alfred Dreyfus foram motivo para que os nacionalistas *antidreyfusards* produzissem ataques xenófobos contra ambos, acusando o escritor de tentar destruir a França ao apoiar a libertação de um traidor, estrangeiro tal qual o próprio Zola. Os órgãos socialistas (como *La Petite République*, *La Lanterne*, *Le Radical*, *Le Parti ouvrier*, na França), representados na reunião no Teatro Polytheama pelo Centro Socialista, também serão alvo dos ataques nacionalistas franceses e de alguns periódicos conservadores no Brasil. Segundo o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, ao final da reunião, o comitê do comício enviou o seguinte telegrama a Zola: “EMILE ZOLA – Paris – Peuple Saint Paul, réuni meeting, vous envoi [*sic*] chauleureuses salutations, aussi à l’innocent martyr Ile Diable. E [*sic*] a [*sic*]vous saluons tous les défenseurs justice. Au nom du peuple. – *Le comité*.”¹⁵ (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 13/06/1899, p. 3).

¹³ [...] um membro do alto escalão.

¹⁴ Se este oficial se declarou culpado do crime de que é acusado, a Embaixada da Alemanha não está envolvida neste caso, pois nenhum de seus membros tinha relação com ele.

¹⁵ EMILE ZOLA – Paris – Povo São Paulo, reunido, envia-lhe calorosas saudações, também ao

Ainda no mês de junho de 1899, os jornais noticiaram outra manifestação da juventude brasileira. Dessa vez, o ato aconteceu no Teatro Santana, no Rio de Janeiro, em 12 de junho, um dia após o comício no Polytheama. A diferença entre as duas manifestações é que a do dia 12 ocorreu durante a representação da peça *Thereza Raquin*, adaptação do romance homônimo de Émile Zola, cujo elenco, muito elogiado pela crítica, era composto pela renomada atriz portuguesa, radicada no Brasil, Lucinda Simões, no papel de Therèse, e pelo ator português Chaby Pinheiro, no papel de Laurent, amante de Therèse. A manifestação aconteceu não só como uma intervenção, mas como um ato da própria peça, como noticia a *Gazeta de Notícias* de 13 de junho sob o título “Zola-Dreyfus”:

Uma bela manifestação a Zola, ontem no Santana, a propósito da primeira *Tereza Raquin*.

Terminada a ouvertura, e quando se esperava que fosse começar o primeiro ato, ouviu-se um brado uníssoníssimo partido das galerias – *Viva Zola!*

Isto no meio de uma salva de palmas. A plateia inteira notou então que do alto das galerias, acompanhando toda a curva fronteira à cena, pendia uma larga fita com as cores francesas e este dístico – *Viva Zola!*

Um acadêmico, o sr. Camerino Rocha, pronunciou de um camarote um eloquente e breve discurso, salientando o valor da defesa que de Dreyfus fez Zola.

A orquestra do teatro executou a *Marselhesa*, ouvida de pé por toda a sala. E ao vivas e as palmas soaram de novo. *Viva Zola!* Uma eloquente e bela manifestação (*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 13/06/1899, p. 2).

No dia seguinte, encontramos variações da mesma informação nos periódicos cariocas *O Paiz*, *Cidade do Rio* e *A Imprensa*. Se compararmos com o modo como as outras manifestações foram noticiadas pelos jornais, notamos que nesta fomos beneficiados pelo olhar do crítico teatral, que produziu um relato mais detalhado do ato dos manifestantes. Para além da pura informação, podemos perceber também comentários críticos, contendo breves análises da trajetória literária do escritor:

O espetáculo de ontem com a *Tereza Raquin* de Zola foi um motivo para que moços de nossas academias aproveitassem o ensejo de saudar o nome desse rijo escritor, que atualmente tornou-se um órgão de justiça social, reclamando com a sua pena emocional, aparada para a Verdade, a fim de que sob o entulho dos interesses de um partido se desenterrassem a honra e a inocência de um homem.

inocente mártir Ilha Diabo. E a todos vocês defensores justiça saudamos. Em nome do povo. - *O Comitê.*”

No ato das galerias, via-se estendido um pano com as cores francesas de onde lia-se *Dreyfus – Viva Zola – Les Rougon-Macquart* (O Paiz, Rio de Janeiro, 14/06/1899, p. 2).

Por essa crítica, é possível observar como o ato político de Zola é diretamente associado aos valores veiculados por sua obra romanesca. Isso porque Zola lutou pelos direitos humanos ao denunciar as injustiças sofridas por Dreyfus, que foram motivadas pelo antissemitismo e pelos interesses políticos e militares. Assim, Zola ele viu mais uma oportunidade de lutar pela verdade, pela justiça e pela igualdade, independentemente da origem social ou religiosa da pessoa. A defesa dos direitos humanos é, portanto, um tema central não só na obra de Zola, mas também no Caso Dreyfus.

No mesmo dia em que acontecia a representação de *Therèse Raquin* no Teatro Santana, representava-se no Teatro Recreio Dramático, no Rio de Janeiro, em 3 atos e 16 quadros, a peça “Gavroche: revista fluminense de 1898”, escrita pelo renomado jornalista brasileiro, Artur Azevedo. Ambos os espetáculos com manifestações de apoio a Zola. Dessa vez, o retrato do escritor Émile Zola foi exposto ao som do hino da França durante a representação de um Teatro de Revista – um espetáculo cômico e musical muito popular no século XIX, com enredos baseados em temas do cotidiano e acontecimentos políticos e sociais da época – cujo título retomava um dos pseudônimos na imprensa de Artur Azevedo, Gavroche,¹⁶ e o gênero da peça: “No 3º ato, quando aparecer o retrato do grande vulto da literatura francesa – EMILIO ZOLA – a orquestra executará a Marselhesa” (*A Imprensa*, Rio de Janeiro, 14/06/1899, p. 4). É preciso destacar que, ao longo do ano de 1898, Artur Azevedo publicou vários artigos no *Paiz*, periódico carioca, em defesa do posicionamento de Zola no Caso Dreyfus.

O Rio-Nú, jornal de cunho humorístico, porno-erótico, que tem como proposta expor, dissecar e despir o Rio de Janeiro, através do humor, da obscenidade e da malícia (COSTA, 2020, p. 16), reproduziu, no dia 18 de março de 1899, a fala da personagem Imprensa, interpretada pela atriz de nome Pepa, na Revista de Artur Azevedo daquele ano. Como aponta o *Rio-Nú*, em 1899, a peça de Azevedo, também interpretada no Teatro Recreio Dramático, continuava homenageando Zola, mas, dessa vez, não aparecia mais o retrato de Zola como um cartaz levantado durante a peça. O combate do escritor no Caso Dreyfus é descrito nos próprios versos da peça:

¹⁶ Gavroche é nome de um personagem de *Les Misérables* (1862), de Victor Hugo. No livro do escritor francês, trata-se de um menino, abandonado pelos pais, que luta para sobreviver nas ruas de Paris. No entanto, acaba sendo morto ao participar das barricadas de 1832. *Gavroche* se tornou um neologismo, entrando para o vocabulário francês para designar moleque travesso e valente, mas também generoso (NICOLAU, 2012, p. 9). Em sua peça, Artur Azevedo recria o personagem, enfatizando seu lado cômico e popular.

Porém, deste ano o mais glorioso
nome
Pertence a um vivo, a um morto não
Pertence,
E na história já está,
Esse a pesada lápide não some;
Esse o verme do túmulo não vence...
Ei-lo é Emilio Zola! ... (*O Rio-Nú*, Rio de Janeiro, 18/03/1899, p. 1)

Os versos de Artur Azevedo previram, em certa medida, a glorificação de Zola após seu envolvimento no Caso Dreyfus, já que, em 1908, seis anos após a morte do escritor, seus restos mortais são transferidos ao Panteão de Paris, uma das maiores formas de glorificação de personalidades na França.

Notamos que os intelectuais brasileiros, formados, como vimos, por médicos, advogados, jornalistas, dramaturgos e artistas, reconheciam que, para Zola, a verdade era elemento fundamental para se alcançar uma sociedade mais justa e igualitária, e que seu capital literário, acumulado ao longo dos anos, foi um componente essencial para alcançar esse objetivo. Desse modo, a intelectualidade brasileira apoiou em boa medida a intervenção de Zola no Caso Dreyfus, porque sabia que o escritor defendia os valores humanos em sua obra.

Expressões artístico-literárias

Além das manifestações realizadas durante os espetáculos teatrais, encontramos expressões literárias que reforçam o apoio dos brasileiros a Émile Zola. Essas expressões, que apareceram na imprensa diária, sinalizam como a abundância de informações sobre o Caso Dreyfus comoveu brasileiros a ponto de realizarem uma produção literária voltada especificamente para homenagear o escritor, sua obra e os valores humanitários pelos quais lutou.

O militar pernambucano José Jovino Marques Júnior que, durante sua longa carreira de 35 anos no Exército Brasileiro, inseriu-se na cena literária publicando alguns poemas na imprensa (*Jornal do Recife*, Recife, 24/11/1925, p. 4), escreveu um soneto publicado em Maceió pelo jornal *O Orbe*, no dia 20 de abril de 1898. O poema foi criado depois do resultado do julgamento do processo de Zola. Essa informação é inserida abaixo do título, não apenas compondo o poema, mas anunciando seu tema:

ZOLA!

(Ao ter notícia da condenação de Zola)

“França, curva-te a cabeça ante o potente vulto
Deste másculo herói da inteligência humana,
Pois deixaste de ser a grande soberana
Das altivas nações que te votavam culto.

O sol do teu passado agora jaz oculto;
Dos míseros judeus ao sangue que espadana
E a Civilização; imersa em raiva insana,
Lavra altivo protesto ao teu ferino insulto.

Foi Zola quem venceu na gloriosa liça
Do Bem contra a traição, embora da Injustiça
Mandes a todo o mundo o hino triunfal!

Fazes subir Dreyfus da infâmia a negra escada,
Prendes Zola, no entanto, estás encarcerada
N’uma jaula de ferro; - ô crença Universal!
(*O Orbe*, Maceió, 20/04/1898, p. 1)

O poeta destaca que, embora Zola tenha agido como um “herói da inteligência humana”, ou seja, tenha representado a humanidade através de sua capacidade intelectual – demonstrada em suas obras –, a França decidiu rejeitar a verdade e não se redimir diante da injustiça contra Dreyfus; e, ainda, preferiu condenar aquele que tentou expor o erro. Portanto, a prisão de Alfred Dreyfus e a condenação de Émile Zola se traduzem como a prisão dos valores universais pelos quais o país havia lutado ao longo daquele século e do século anterior: a liberdade, a igualdade, a justiça e o progresso. O poema é ao mesmo tempo, uma exaltação à atitude de Zola e uma crítica à nação francesa. É curioso notar que, diferentemente das manifestações anteriores, realizadas em conjunto por jovens advogados e médicos, esta surge como um protesto solitário de um jovem oficial do exército, aspirante a poeta – Jovino Marques tinha apenas 24 anos em 1898 –, que parece ter se sensibilizado, de um lado, por Dreyfus que, assim como ele, escolhera seguir carreira militar, e, de outro, por Zola, escritor reconhecido internacionalmente e, provavelmente, admirado pelo poeta, ainda que ele não seguisse sua estética. Assim, embora estivesse inserido em um contexto sociocultural distinto daquele de Zola e de Dreyfus, Jovino Marques reconhecia os valores que mobilizaram suas lutas e que fundamentaram a formação da República francesa.

Esse mesmo poema vai ser republicado no Rio Grande do Norte no jornal *Diário de Natal*, no dia 18 de setembro de 1906, com algumas alterações, provavelmente realizadas pelo próprio autor. Em sua segunda versão, o título é alterado para “Zola-Dreyfus”, provavelmente para atualizar o leitor, visto que os eventos de maior repercussão no Brasil sobre o Caso Dreyfus estiveram concentrados entre 1898 e 1899. A segunda alteração aparece no primeiro verso. A palavra “cabeça” é excluída, possivelmente para fins estéticos, sem prejuízo de sentido. No terceiro verso do primeiro quarteto, a conjunção “pois” é substituída pelo pronome “Tu”, criando, assim, um efeito mais incisivo e acusatório em relação à atitude da França. No entanto, a mudança mais significativa aparece no segundo verso do segundo quarteto, já que o poeta o substitui por completo, transformando “Dos míseros judeus ao sangue que espadana” em “Mentiste à Liberdade; à Fé republicana” (*Diário de Natal*, Natal, 18/09/1906, p. 2). Os oito anos de diferença entre a primeira e a segunda publicação do poema deixaram mais evidente como a atitude inicial de Zola ia ao encontro dos valores de Liberdade e de Justiça, presentes na própria República e rejeitados pelos oficiais do exército francês. Em sua segunda versão do soneto, Jovino Marques critica mais claramente a França republicana, que negou o direito à liberdade individual de seus cidadãos, condenando Zola e Dreyfus.

Na edição seguinte do *Diário de Natal*, um segundo poema de Jovino Marques é publicado, como continuação do primeiro, já que vem introduzido pelo algarismo romano “II”:

Zola-Dreyfus

II

(Ao ler notícias da reabilitação de Dreyfus)

La vérité est en marche et rien ne saurait l'arrêter! E. Zola

...E a verdade chegou – nada importa a demora!
Como alguém que, subindo uma gloriosa escada,
Vacilasse e, após isso, em mais firme passada,
Recobrasse o perdido – a França é livre agora

Ei-la salva, por fim, e esse esplendor de outrora,
Que entre as outras nações a fazia invejada,
Retomou, do Dever seguindo a larga estrada,
Com a cega estupidez de quem não se apavora.

Zola tinha razão, e uma estátua ao futuro
Lhe há de o nome levar para eterno desdouro
Dos escravos verás do Fanatismo impuro

Mas, ante o que ele fez contra essa grei nefasta,
É bem pouco uma estátua: –inda que seja de ouro,
Tendo o solo francês por pedestal: não basta!
(*Diário de Natal*, Natal, 19/09/1906, p. 2)

Assim como no soneto anterior, o poeta anuncia ao leitor o fato que o impulsionou a criar o poema. Dessa vez, trata-se do reconhecimento da inocência do capitão Dreyfus e sua reabilitação ao exército francês. Antes de iniciar o soneto, contudo, Jovino Marques reproduz a famosa frase escrita por Zola no primeiro artigo de sua campanha, “M. Scheurer-Kestner”, e que será reiterada inúmeras vezes ao longo do Caso: “La vérité est en marche, et rien ne l’arrêtera”.¹⁷ A reabilitação de Dreyfus representa para o poeta a retomada dos valores de verdade, liberdade e justiça. Jovino Marques exalta o escritor Émile Zola e prevê, em certa medida, sua glorificação, que não será consumada como uma estátua de ouro, mas com a transferência de seus restos mortais para o Panthéon, local onde encontravam-se outros vultos como Victor Hugo, Voltaire e Jean-Jacques Rousseau.

O poeta simbolista Egas Moniz Barreto de Aragão, que usava o pseudônimo Péthion de Villar, também homenageou Émile Zola publicando, em folheto, uma ode intitulada *Apothéose*, escrita em francês, como notícia o periódico *O Pará*, de 18 de novembro de 1899:

Apothéose, (deuxième édition) ode a Émile Zola, escrita em francês pelo poeta baiano Péthion de Villar. É incontestavelmente uma bela poesia inspirada na causa nobilíssima que Émile Zola tomou a si na questão Dreyfus, trabalhando pela reabilitação da vítima de um erro desastrado, senão proposital! (*O Pará*, Belém, 18 de novembro de 1899)

Sob o título “Ode a Émile Zola” o *Diário do Maranhão* de 11 de novembro de 1899 também comenta a publicação do poeta: “é uma bela ode ao grande escritor francês que o mundo admira e que conquistou tanta simpatia pela sua incessante e vigorosa defesa ao mártir da Ilha do Diabo, o capitão Alfredo Dreyfus” (*Diário do Maranhão*, São Luis, 11/11/1899, p. 2). Em seguida, dois versos do poema lírico são reproduzidos “Salut! Vengeur du juste, et Sauveur de la France ! / Apôte de l’Amour, très fort, très bon, très grand !” (CATHARINA ; MARTINS, 2019, p. 133). Os versos são seguidos por sua tradução, permitindo que o leitor brasileiro que não

¹⁷ A verdade está a caminho e nada a deterá.

conhecesse a língua francesa pudesse compreendê-los: “Salve, vingador do justo, e salvador da França! /Apóstolo do Amor, mui forte, mui bom e mui grande!” (*Diário do Maranhão*, São Luís, 11/11/1899, p. 2). Mais uma vez, nota-se a preocupação em se destacar a atuação de Zola como a de um herói ou “salvador” dos ideais republicanos, presentes, como vimos, em sua obra naturalista. É importante destacar que Péthion de Villar foi um profícuo poeta simbolista de sua época, tendo escrito centenas de poemas, muitos deles em francês. Afonso Celso de Assis Figueiredo Jr, crítico, escritor e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, afirmará em 14 de abril de 1902 (FIGUEIREDO JR. *apud* ARAGÃO, 1978, p. 499, grifos do autor): “PÉTHION DE VILLAR – o maior escritor que a Bahia tem produzido depois de *Castro Alves*, a quem é superior pela variedade de aptidões e extensão da Cultura”. Péthion de Villar foi reconhecido por críticos e escritores coetâneos como Adolfo Caminha, Artur Azevedo, Max Nordau, Castro Alves, Nestor Victor, Xavier de Carvalho, José Veríssimo, entre muitos outros, que dirigiram a ele cartas pessoais ou publicaram alguma apreciação de sua obra na imprensa. Sua *Apothéose* chegou até Émile Zola que escreveu uma carta lhe respondendo:

Merci au nom de mes compatriotes, pour la chaleureuse propagande que vous faites au Brésil de la LITTÉRETURE FRANÇAISE [...] J’ai lu vos magnifiques poésies. Est-il grand le pays qui produit des poètes de votre taille! Avec mes bien vifs remerciements et l’expression de toute ma sympathie”¹⁸ (ZOLA *apud* ARAGÃO, 1978, p. 20).

Embora simpatizasse com os ideais positivistas da República – ele manteve-se fiel às tradições cristãs –, Péthion de Villar fundou, na Bahia, o Club Republicano (MACIEL *in* ARAGÃO, 1978, p. 18). Não surpreende, portanto, sua homenagem ao escritor naturalista por sua atuação no Caso Dreyfus, já que a França feria os valores republicanos. Villar era também médico e, quando escreveu sua *Apothéose*, gozava de seus 29 anos. É de supor que o escritor também tenha participado do Club Zola, criado no ano anterior, pelo colega Juliano Moreira com quem estudou na Faculdade de Medicina e fundou a “Revista Acadêmica” (MACIEL *in* ARAGÃO, 1978, p. 18).

Considerações finais

As homenagens e manifestações de apoio a Émile Zola revelam que grupos de médicos, advogados, artistas e escritores defendiam os mesmos princípios

¹⁸ Agradeço em nome de meus compatriotas, pela calorosa propaganda que faz no Brasil da LITERATURA FRANCESA [...] Li suas magníficas poesias. É grande o país que produz poetas de sua estatura! Com os meus sinceros agradecimentos e a expressão de toda a minha simpatia.

que moviam a literatura do escritor e que sustentavam a instituição da República francesa. Zola se esforçou, ao longo de sua carreira, para estabelecer uma relação entre o naturalismo e a República. Ele declarou, no *Figaro* em 11 de outubro de 1880: “La République sera naturaliste ou elle ne sera pas”.¹⁹ Para Zola, os princípios de sua estética não se limitavam ao campo literário, mas eram universais, sendo a base, igualmente, para o bom funcionamento do regime republicano, que defendeu e criticou. Não é por acaso que os valores de Humanidade, Liberdade, Justiça e Verdade foram frequentemente retomados nas homenagens dos brasileiros. Assim, a atuação de Émile Zola no Caso Dreyfus mostrou-se especialmente vigorosa por encontrar respaldo nos valores de sua obra.

MARTINS, E. A. da S. When literature invades social life: controversies and tribute to Émile Zola in Brazil during the Dreyfus Affair. **Itinerários**, Araraquara, n. 56, p. 93-112, jan./jun. 2023.

■ **ABSTRACT:** *Émile Zola stood out nationally and internationally through his naturalist work and the battles waged in the French press and literary field. His trajectory, at the end of 1897, contributed to intervening politically as an intellectual (BOURDIEU, 1996) in the Dreyfus Affair. His performance had repercussions in Brazilian society in different ways. Tributes and demonstrations of support were held in different states, through meetings, acts, and even the writing of poems. The actions of the Brazilians reveal that support for the writer's intervention was based on the recognition of the values of his work. Therefore, not infrequently, these demonstrations were accompanied by controversy in the press (VAILLANT, 2011 in KALIFA et al., 2011), generated by anti-naturalist groups. This article aims to analyze the tributes paid by Brazilians to Émile Zola, shedding light on the recognition of the values of truth and justice.*

■ **KEYWORDS:** *Emile Zola. Naturalism. Dreyfus affair. Brazilian press.*

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Uma comunidade letrada transnacional. In: ABREU, Márcia & DEACTO, Marisa Midori (org.). **A circulação transatlântica dos impressos**. Conexões. Campinas/SP: UNICAMP/IEL/Setor de Publicações, 2014, p. 93-103.

ARAGÃO, Egas Moniz Barreto de (Péthion de Villar). **Poesia Completa**. Prefácio e organização de Pedro Calmon. Bibliografia de Ana Moniz de Aragão do Rêgo Maciel. Brasília: MEC – Conselho Federal de Cultura, 1978.

¹⁹ A República será naturalista ou ela não será.

AYNIÉ, Marie. “Où allez-vous jeunes gens?”. Zola et la jeunesse dreyfusarde. L’Hartmann. **Parlemen[s], Revue d’histoire politique**, n. 8, p. 25-38, 2007/2. DOI : 10.3917/parl.008.0025.

AYNIÉ, Marie. Un monument épistolaire : lettres de soutien à Zola pendant l’affaire Dreyfus. *In*: GUERMÈS, Sophie (dir.). **Éditer et relire la correspondance de Zola**. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2018, p. 205-219.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira; MARTINS, Eduarda Araújo da Silva. ‘Vengeur du juste, et Sauveur de la France’, Émile Zola et l’affaire Dreyfus dans la presse au Nord du Brésil. **Les Cahiers Naturalistes**, v. 93, p. 123-134, 2019.

COSTA, Johnatas dos Santos. **Gênero alegre, pornografia e representações femininas: um estudo sobre o jornal O Rio Nu (1898-1916)**. 2020. 173 f. Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe (SE). Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/14943>. Acesso em 10 março 2023.

DINES, Alberto. Cronologia. *In*: DREYFUS, Alfred. **Diários completos do capitão Dreyfus**. Org. e apes. Alberto Dines. Tradução de Bernardo Ajzenberg. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

MITTERAND, Henri. **Zola: l’honneur**. T. 3. Paris: Fayard, 2002.

NICOLAU, Giselle Pereira. **Um Gavroche entre a política e a sociedade: teatro de Artur Azevedo (1891-1898)**. 2012. 110f. Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (RJ). Disponível em: <http://www.bdt.uerj.br/handle/1/13139>. Acesso em 10 março 2023.

ORIOU, Philippe. **L’Histoire de l’affaire Dreyfus: de 1894 à nos jours**. Tome 1 et 2. Paris: Les Belles Lettres, 2014.

PAGÈS, Alain. Le Tintamarre naturaliste. **Interfaces**. Rio de Janeiro: UFRJ/CLA, ano 22, n. 25, p. 15-25, 2016.

REVERZY, Éléonore. Zola et le journalisme entre ‘haine’ et ‘banquisme’ (1864-1872). **Romantisme**. Paris, n. 121, p. 23-31, 2003. Disponível em: www.persee.fr/doc/roman_0048-8593_2003_num_33_121_1199. Acesso em: 14 mar. 2022.

VAILLANT, Alain. La polémique. *In*: KALIFA, Dominique; RÉGNIER, Philippe; THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Alain. **La Civilisation du journal: histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIX^e siècle**. Paris: Nouveau monde, 2011, p. 969-978.

ZOLA, Émile. **Le Roman expérimental**. 5^e édition. Paris: Charpentier, 1881.

ZOLA, Émile. **L'affaire Dreyfus**: la vérité en marche. Chronologie et préface par Colette Becker. Paris: Garnier-Flammarion, 1969 [1901].

